



OLHARES

REVISTA DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO - UNIFESP

**SOB O OLHAR ATENTO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS  
ACERCA DA IMUNIZAÇÃO VACINAL ENTRE JOVENS E ADULTOS  
DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

BAJO LA ATENTA MIRADA DE REPRESENTACIONES SOCIALES  
SOBRE LA INMUNIZACIÓN VACUNAL ENTRE JÓVENES Y ADULTOS  
DE LA EDUCACIÓN BÁSICA

UNDER THE WATCHFUL EYE OF SOCIAL REPRESENTATIONS  
ABOUT VACCINE IMMUNIZATION AMONG YOUNG PEOPLE AND  
ADULTS IN BASIC EDUCATION

Luciano Luz Gonzaga  
Programa de Pós-Graduação em Ensino das Ciências (PPGEC) - UNIGRANRIO  
Luciano.gonzaga@unigranrio.edu.br

**Resumo:** Há na atualidade um movimento antivacinas e que talvez a gênese deste movimento esteja ancorada em representações aversivas acerca da imunização vacinal, na qual se acentua e reverbera com as redes sociais. Assim, o objetivo principal desta pesquisa é identificar e analisar as Representações Sociais de estudantes, da Educação de Jovens e Adultos – EJA, da periferia da capital do Rio de Janeiro, acerca da imunização vacinal. Caracterizando, portanto, os códigos, as regras e os valores que são compartilhados. O teste de Associação Livre de Palavras (TALP) e a análise de coocorrência das evocações serviram para identificar a centralidade das Representações Sociais. Os resultados demonstraram que o ‘medo’ é quem suporta a centralidade das Representações Sociais do grupo social pesquisado, constituindo-se, portanto, como o principal elemento de resistência à imunização vacinal, particularmente entre os homens. No que tange às mulheres há um reconhecimento de que as vacinas são importantes porque protegem as crianças. Como considerações finais, sugerimos que a prevenção, dessa possível fobia, deva começar o quanto antes e, de preferência, durante a primeira infância quando ocorrem as primeiras experiências com agulhas. Neste propósito, pensamos o quanto as escolas e creches poderiam ser boas aliadas neste enfrentamento juntamente com uma efetiva parceria com a secretaria de saúde. Ademais, importante enfatizar a relevância do atendimento aos pais, preferencialmente por profissionais da saúde mental, para que o ciclo do medo não se perpetue.

**Palavras-chave:** Representações Sociais. Imunização vacinal. Medo.



**Resumen:** Actualmente existe un movimiento anti-vacunación y quizás la **génesis de este** movimiento esté anclado en representaciones aversivas sobre la inmunización vacunal, en las que se acentúa y reverbera con las redes sociales. Así, el objetivo principal de esta investigación es identificar y analizar las Representaciones Sociales de los estudiantes, de Educación de Jóvenes y Adultos - EJA, de la periferia de la capital carioca, sobre la inmunización con vacunas. Por tanto, caracterizar los **códigos**, reglas y valores que se comparten. La prueba de Asociación Libre de Palabras y el análisis de la co-ocurrencia de evocaciones sirvieron para identificar la centralidad de las Representaciones Sociales. Los resultados mostraron que el 'miedo' es lo que sustenta la centralidad de las Representaciones Sociales del grupo social investigado, constituyendo, por tanto, el principal elemento de resistencia a la inmunización por vacuna, particularmente entre los hombres. En lo que respecta a las mujeres, se reconoce que las vacunas son importantes porque protegen a los niños. Como consideraciones finales, sugerimos que la prevención de esta posible fobia debe comenzar lo antes posible y, preferiblemente, durante la primera infancia, cuando ocurren las primeras experiencias con agujas. En este sentido, pensamos cuánto las escuelas y las guarderías pueden ser buenos aliados en este enfrentamiento, junto con una alianza efectiva con el departamento de salud. Además, es importante enfatizar la relevancia del cuidado para los padres, preferiblemente por parte de profesionales de la salud mental, para que el ciclo del miedo no se perpetúe.

**Palabras clave:** Representaciones Sociales. Inmunización vacunal. Miedo.

**Abstract:** There is currently an antivaccines movement and that perhaps the genesis of this movement is anchored in aversive representations of vaccination immunisation that is accentuated and that reverberates with social networks. Compromising, therefore, in the reappearance of diseases considered extinct or controlled by the Ministry of Health. Thus, the main objective of this research is to identify and analyze the Social Representations of education of young people and adults students, from the periphery of the capital of Rio de Janeiro, about vaccination. characterizing the codes, rules and values that are shared. The free association word test and the similarity evocations analysis served to characterize the Social Representations about vaccination within Abric's structural approach. The results showed 'fear' is what supports the centrality of the social representations of the social group researched, and is therefore the main element of resistance to immunization particularly among men. With regard to women, there is a recognition that vaccines are important because they protect children. As final considerations, we suggest that the prevention of this possible phobia should begin as soon as possible, and preferably during early childhood when the first needle experiences occur. In this regard, we think how much schools and kindergartens could be good allies in this confrontation together with an effective partnership with the health department. Moreover, it is important to emphasize the relevance of parental care, preferably by mental health professionals, so that the cycle of fear does not continue.

**Keywords:** Social Representations. Vaccine Immunization. Fear.

## Introdução

O Conselho Federal de Medicina (2017) afirma que a imunização vacinal é uma prática cientificamente comprovada e que não existe motivo de recusa ou medo. Ao contrário, o ato de não se imunizar pode ser desastroso, culminando no aumento da morbimortalidade de crianças, adolescentes e população adulta, assim como o reaparecimento de doenças consideradas sob controle ou extintas, consolidando um retrocesso na saúde pública (MÜLLER, 2012; REIS, 2017; CARNEIRO, 2017).



Sato (2018, p.7) acrescenta que a queda das coberturas vacinais no território brasileiro parece estar atrelada não pela “avaliação racional das evidências, mas sim na sensação de incertezas e ambiguidades”.

Nesta finalidade, Cardoso e colaboradores (2018, p.108) apostam na humanização do atendimento em saúde e declaram que “a informação, orientação e acolhimento é uma forma de facilitar a aderência do serviço de vacinação, pois o usuário sente-se acolhido pelo profissional e seguro em relação ao procedimento que será realizado”.

Além do atendimento humanizado que imprime confiança, segurança e apoio ao usuário. É inegável a importância das campanhas de vacinação para que pontos ambíguos sejam esclarecidos, tais como:

i) “as vacinas são rigorosamente testadas e monitoradas por seus fabricantes e pelos sistemas de saúde dos países onde são aplicadas” (SATO *et al*, 2018);

ii) quem não se vacina não coloca somente a sua própria saúde em risco, mas as de outras pessoas com quem tem contato (DOMINGUES; TEIXEIRA; CARVALHO, 2012; ESCOBAR-DÍAZ; OSORIO-MERCHÁN; DE LA HOZ-RESTREPO, 2017, SILVA *et al*, 2019);

iii) as vacinas são medicamentos feitos por “microrganismos atenuados”, fazendo com que o corpo não desenvolva a doença, mas se torne preparado para combatê-la se for necessário (MALAGUTTI, 2011; RIBEIRO; VASQUES; JACINTO, 2015).

Contudo, parece que a queda nas coberturas vacinais não se resume apenas na falta de um tratamento humanizado ou de campanhas bem sucedidas. Há, na atualidade, um crescente movimento antivacinas e que talvez a gênese deste movimento esteja ancorada em representações aversivas, “na distorção das informações concernentes ao objeto representado” (JODELET, 1989, p. 12) que se acentua e reverbera com o suporte das redes sociais (VASCONCELLOS-SILVA; CASTIEL; GRIEP, 2015).

Neste propósito, o objetivo basilar desta pesquisa é identificar e analisar as Representações Sociais de estudantes, da Educação de Jovens e Adultos – EJA, acerca da imunização vacinal, caracterizando o tipo de conhecimento socialmente elaborado pelos mesmos, assim como os códigos, as regras e os valores que são compartilhados.

Ademais, este artigo pretende contribuir para um possível entendimento, mesmo que de forma incipiente, sobre um contexto histórico social, o qual é organizado e dispersado no cotidiano, produzindo identidade e orientando as condutas sociais (MOSCOVICI 1978).



## O movimento antivacinas

O processo de imunização vacinal, no Brasil, teve seu marco histórico em 1904 com a Revolta da Vacina. Na referida época, a imunização foi implantada de maneira compulsória com o objetivo de imunizar a sociedade que sofria de varíola. Esta atitude autoritária do governo foi determinante para que se criassem, no imaginário social das pessoas, representações aversivas acerca da imunização vacinal (SEVCENKO, 1993; BROWN, 2018; SHIMIZU, 2018).

Na atualidade, segundo o médico infectologista Guido Carlos Levi, o movimento antivacionista se apoia na crença ao medo das reações adversas, em critérios filosóficos diversos e, em menor proporção, em concepções religiosas (LEVI, 2013).

Para Vasconcellos-Lima, Castiel e Griep (2015), as mídias parecem influenciar negativamente para o agravamento dos movimentos antivacionais e, por isso, precisam ser melhores analisadas.

Os discursos acerca dos perigos da vacinação, enunciados e reproduzidos pelas mídias de maior influência cultural, não serão aqui tratados como assertivas de poder ilocucionário próprio, pontual, mas como fenômenos culturais nascidos e reproduzidos em tessitura social especialmente afeita às mensagens desse feito. Sua energia de plausibilidade e força de expansão parecem ser nuclear em terrenos contemporâneos de conformação complexa e, por isso mesmo, dignos de serem devidamente estudados e analisados à luz do caso que se apresenta (VASCONCELLOS-LIMA, CASTIEL; GRIEP, p.609).

De acordo com Shimizu (2018, p. 91), no Brasil, as redes sociais, em particular o Facebook, “têm provocado a resistência das pessoas, que desconfiam do governo e da indústria farmacêutica, temem os efeitos colaterais, defendem a liberdade de escolha e o direito ao próprio corpo”.

À vista disso, será que existe pressão à inferência das mídias no processo de construção das representações sociais dos participantes da pesquisa acerca da vacinação?

## Representações Sociais – aporte teórico

Ao propor esta pesquisa, na perspectiva da Teoria das Representações Sociais, retomo em Moscovici (1978) a compreensão dos processos simbólicos das condutas, atitudes e comportamentos humanos (JODELET, 1996; MOSCOVICI, 2005; MOREIRA *et al*, 2015).

As Representações Sociais (RS) possuem sempre caráter prático e preditivo por orientar as ações dos indivíduos e dos grupos (WACHELKE; CAMARGO, 2007; GOMES;



NUNES, 2015). Neste intento, Abric elenca quatro funções específicas das Representações Sociais (2000, p.28):

- 1) Função de saber: as RS permitem compreender e explicar a realidade. Elas permitem que os atores sociais adquiram os saberes práticos do senso comum em um quadro assimilável e compreensível, coerente com seu funcionamento cognitivo e os valores aos quais eles aderem.
- 2) Função identitária: as RS definem a identidade e permitem a proteção da especificidade dos grupos. As representações têm por função situar os indivíduos e os grupos no campo social, permitindo a elaboração de uma identidade social e pessoal gratificante, compatível com o sistema de normas de valores socialmente e historicamente determinados.
- 3) Função de orientação: as RS guiam os comportamentos e as práticas. A representação é prescritiva de comportamentos ou de práticas obrigatórias. Ela define o que é lícito, tolerável ou inaceitável em um dado contexto social.
- 4) Função justificadora: por essa função as representações permitem, a posteriori, a justificativa das tomadas de posição e dos comportamentos. As representações têm por função preservar e justificar a diferenciação social, e elas podem estereotipar as relações entre os grupos, contribuir para a discriminação ou para a manutenção da distância social entre eles.

É possível concordar com Raiol (2017, p.114) ao afirmar que “não basta somente entender as Representações Sociais como discursos isolados [...]. É necessário analisar sua historicidade e sua influência na transformação social”.

Em suma, “as Representações Sociais são capazes de influenciar o comportamento do indivíduo participante de uma coletividade. [...] o próprio processo coletivo penetra, como fator determinante, dentro do pensamento individual” (MOSCOVICI, 2003, p.40). Dessa forma, o que o grupo de estudantes do Ensino Médio – modalidade EJA – pensa e compartilha acerca da vacinação?

## **Procedimentos metodológicos**

A pesquisa é quali-quantitativa realizada com 57 estudantes do Ensino Médio na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, moradores da periferia da capital do Rio de Janeiro.

Os estudantes possuem uma média de idade de 30,6 anos (desv.pad= 10,1). Destes, 61% possuem filhos. 36 (63,2%) são do sexo feminino e 21 (36,8%) do sexo masculino.

Quanto à orientação religiosa, 50,9% declararam-se Evangélicos, 8,8% Católicos, 1,7% Umbandistas, 1,7% Candomblecistas, 1,7% Kardecistas e 35,2 % não souberam ou não quiseram informar.



Quanto à autodeclaração da cor da pele, 35,1% consideram-se pardos, 29,8% negros, 29,8% brancos e 5,3% amarelos.

Para a coleta de dados da análise prototípica das Representações Sociais foi utilizado um formulário para o registro de evocações, a partir da Técnica de Associação Livre de Palavras – TALP (MERTEN, 1992), que teve como termo indutor ‘vacinação’.

As evocações dos estudantes foram tratadas a partir do software *Ensemble de Programmes Permettant L'analyse des Évocations* – EVOCATION 2000 (VÈRGES; SCANO; JUNIQUE, 2002), para obtenção do quadro de quatro casas – quadro de Vergès.

Para o cálculo das frequências e ordem média de evocação extraiu-se, do total de palavras evocadas, aquelas que obtiveram uma frequência igual ou superior a 50% da frequência total.

No que tange à análise de coocorrência das palavras, a ferramenta *AIDECAT*, presente no software Evocation 2000, foi utilizada. O cálculo do índice entre os cognemas centrais e periféricos foi dividido pelo número de cada uma das coocorrências pelo número de participantes, conforme proposto por Pécora (2011).

Importante informar que antes da coleta de dados foi esclarecido aos estudantes o caráter acadêmico da pesquisa, o sigilo e a privacidade sobre os dados, e em seguida solicitamos a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o termo de assentimento assinado pela gestão escolar.

### **Revelando os resultados**

A fim de compreender a organização interna das Representações Sociais acerca do termo indutor ‘vacinação’, solicitou aos 57 estudantes que listassem as seis palavras que viessem à mente, no tempo de cinco minutos, referentes ao termo indutor supracitado.

De um universo de 342 evocações, as palavras mais citadas foram: prevenção (37%), medo (32%), dor (28%) e saúde (28%). Sugerindo, a priori, uma representação na qual a vacinação é importante para a prevenção e manutenção da saúde, mas causa medo e dor.

Contudo, de acordo com Abric (2003, 2008), a simples quantificação do conteúdo de uma representação não é suficiente para sua definição e validação. Neste caso, importa saber a frequência das evocações e a prevalência das mesmas – o poder de saliência, isto é, a ordem em que tais evocações foram citadas e a quantidade de evocações.

Portanto, o estudo das Representações Sociais, pela abordagem estrutural de Abric, só é possível a partir do levantamento dos núcleos central e periféricos. Abric (1998, p.28)



nos esclarece que “os elementos da representação são hierarquizados e toda representação é organizada em torno de um Núcleo Central, constituído de um ou de alguns elementos que dão à representação o seu significado”.

No Núcleo Central da representação é possível identificar as regras compartilhadas ou até mesmo revelar a possível identidade do grupo que, por sua vez, será protegido por um sistema periférico, o qual suportará a heterogeneidade do grupo e acomodará as contradições do contexto em que estão inseridos os indivíduos (ALVES-MAZZOTI, 2007; GONZAGA; LANNES, 2016).

Deste modo, ao analisar as RS dos estudantes do Ensino Médio – modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), independentemente do sexo biológico (QUADRO 1 - quadrante superior esquerdo), verificamos um Núcleo Central formado pelos seguintes cognemas: ‘prevenção’, ‘medo’, ‘importante’, ‘doenças’ e ‘proteção’.

Quadro 1 - Análise do Núcleo Central ao termo indutor ‘vacinação’ entre estudantes do Ensino Médio – modalidade Jovens e Adultos. Ano: 2019.

		Grande Força de Evocação			Pequena Força de Evocação		
			f	OME < 3,3		f	OME ≥ 3,3
Alta Frequência	f ≥ 10	Prevenção	21	2,43	Dor	16	3,37
		Medo	18	3,17	Saúde	16	3,69
		Importante	13	2,46			
		Doenças	13	2,69			
		Proteção	10	2,80			
Baixa Frequência	f < 10	Imunização	9	3,50	Febre	7	3,70
		Agulhada	8	2,62	Criança	6	3,83
		Não funciona	7	2,57	Preocupação	6	4,67
		Necessária	6	2,50	Campanhas	5	4,00
		Sarampo	5	2,20			

No quadro: f é a frequência simples da evocação. A mediana da Frequência de Evocações é igual a 10. A Ordem Média das Evocações (OME) é igual a 3,3. As evocações com frequência menor do que 10 foram desprezadas. A Força de Evocação está associada à prevalência na evocação, ou seja, onde a palavra citada na primeira posição tem força maior do que a citada na segunda posição e assim sucessivamente. Portanto, quanto menor o valor da OME maior a força de evocação.

Fonte: do autor.

Neste contexto, é possível verificar que os estudantes compreendem que a vacinação é ‘importante’ porque ‘previne’ e ‘protege’ contra as ‘doenças’, mas o ‘medo’ parece ser o elemento que desperta à atenção para o perigo de não se vacinar.

Este dado parece corroborar com a recente pesquisa desenvolvida pela Faculdade São Leopoldo Mandic em parceria com a London School of Hygiene and Tropical Medicine ao verificar que, dos 1000 voluntários que responderam ao questionário, 16,5% informaram ter medo de se vacinar (BROWN, 2018).



No Núcleo Periférico Limítrofe (QUADRO 1 - quadrante superior à direita) há os cognemas que possuem alta frequência e, por isso, existe a forte possibilidade de perpetrarem a centralidade da representação. No entanto, este núcleo parece reforçar o caráter aversivo à vacinação quando traz o cognema ‘dor’ como elemento de blindagem ao Núcleo Central.

Na periferia mais externa da representação (QUADRO 1 - quadrante inferior à direita), onde os elementos são os mais instáveis e mais próximos do contexto socioambiental, identificamos uma ‘preocupação’ com um dos efeitos colaterais da vacinação em ‘crianças’ – a ‘febre’.

Na periferia interna da representação (QUADRO 1 - quadrante inferior à esquerda) onde há os elementos muito importantes, mas para poucas pessoas, identificamos uma blindagem incongruente ao afirmarem que a ‘imunização’ é ‘necessária’, ‘mas não funciona’.

Entretanto, uma vez identificados os núcleos Central e Periféricos da Representação, prossegue-se para a investigação do poder associativo dos elementos que a constituem. O poder associativo diz respeito à capacidade dos cognemas centrais coocorrerem com outros cognemas da representação. Uma vez que, a confirmação da centralidade dos mesmos confere força e propriedade às conotações de cada grupo social (FLAMENT, 1981; VERGÉS, 2002).

Assim, ao identificar a centralidade da representação dos estudantes desta pesquisa, constata-se que o cognema ‘proteção’ perde o caráter de centralidade e que ‘prevenção’ está fortemente associada a ‘doenças’, do mesmo modo que ‘medo’ está para a ‘dor’ (Figura 1).

Figura 1 - Análise de coocorrência da Representação Social acerca da vacinação entre os 57 estudantes do Ensino Médio – modalidade Educação de Jovens e Adultos. Ano: 2019



Na figura: as palavras destacadas em negrito pertencem ao Núcleo Central da Representação. A espessura das arestas representa a porcentagem de estudantes que citaram quatro ou mais palavras ao mesmo tempo.

Fonte: do autor.



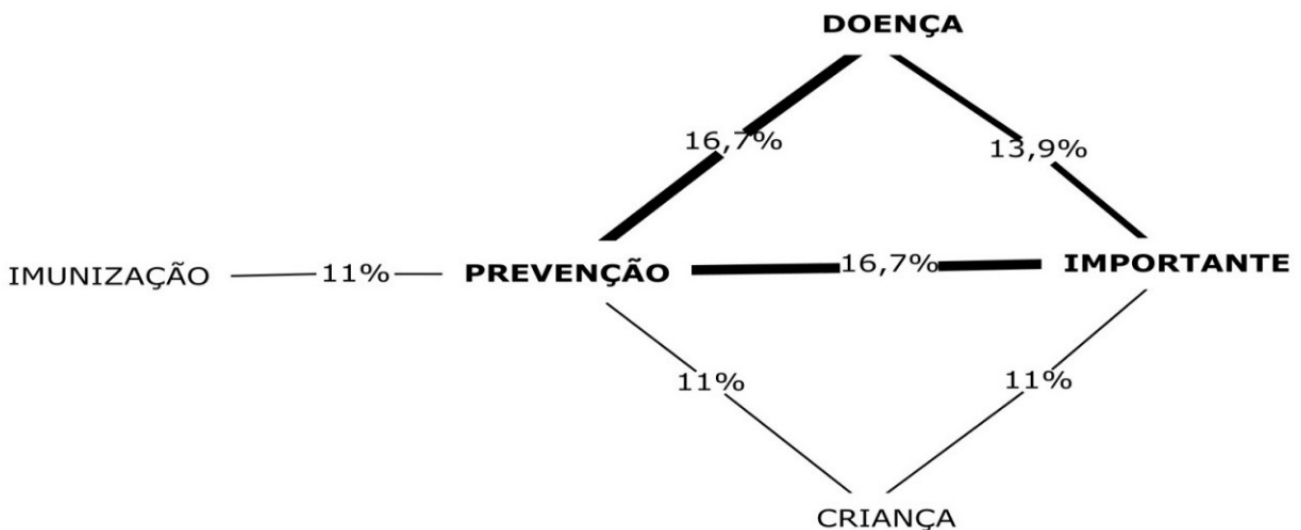


Neste aspecto, parece que os estudantes possuem plena convicção da importância da imunização vacinal, porém o possível medo da dor das agulhadas funciona como um anteparo para a não adesão às campanhas de vacinação.

Diante da possibilidade do medo e dor constituírem os elementos que proporcionem a baixa adesão vacinal, interessa-me saber em qual dos gêneros esta característica é mais contundente. Assim, para esta finalidade apropriei-me apenas das análises de coocorrência de ambos os sexos, separadamente, para fins de comparação.

Assim, é possível inferir que as mulheres desta pesquisa compartilham a crença na ‘importância da vacinação para prevenir as crianças de doenças imunopreveníveis’ (imunológicas) e infectocontagiosas (Figura 2). Neste sentido, parece que o instinto de proteção à prole prevalece sobre o medo e a dor.

Figura 2 - Análise de coocorrência da Representação Social acerca da vacinação entre 36 estudantes, sexo feminino, do Ensino Médio – modalidade Educação de Jovens e Adultos. Ano: 2019



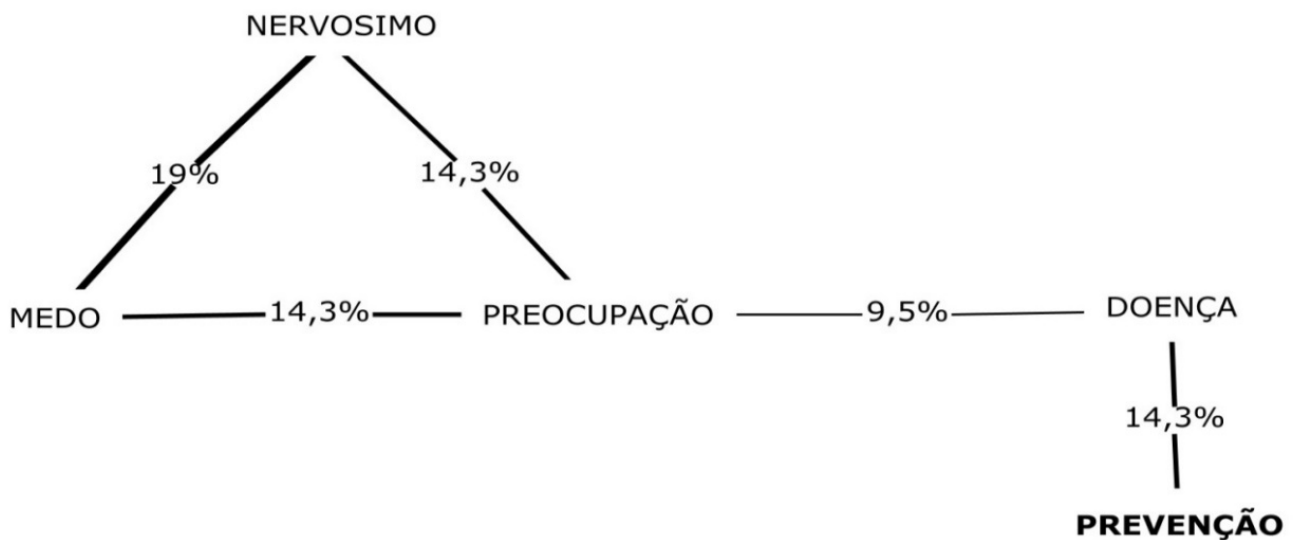
Na figura: as palavras destacadas em negrito pertencem ao Núcleo Central da Representação. A espessura das arestas representa a porcentagem de estudantes que citaram quatro ou mais palavras ao mesmo tempo.

Fonte: do autor.

É possível admitir que talvez a crença das mulheres na imunização vacinal, como um benefício à saúde da criança, possa colaborar para uma melhor adesão ao programa de imunização infantil. Por outro lado, os homens parecem encontrar maiores dificuldades emocionais (Figura 3).



Figura 3 - **Análise de** coocorrência da Representação Social acerca da vacinação entre 21 estudantes, sexo masculino, do Ensino Médio – modalidade Educação de Jovens e Adultos. Ano: 2019.



Na figura: a palavra destacada em negrito pertence ao Núcleo Central da Representação. A espessura das arestas representa a porcentagem de estudantes que citaram quatro ou mais palavras ao mesmo tempo.

Fonte: do autor.

Embora haja uma preocupação entre os homens desta pesquisa sobre o valor da imunização vacinal na ‘prevenção de doenças’. O ‘nervosismo e o medo’ parecem sobrepôr tal importância, não contribuindo de fato para a criação de uma nova conduta, culminando, talvez, na redução da cobertura vacinal.

Este ensaio corrobora com a pesquisa realizada em 2012, na Universidade de Toronto, com 883 pais e 1.024 crianças sobre a não conformidade com a imunização devido ao medo de agulhas. “No total, 24% dos pais e 63% das crianças relataram este medo. O medo da agulha foi o principal motivo da não adesão à imunização” (TADDIO et al, 2012, p. 4807).

Recentemente, a pedido do Ministério da Saúde, médicos da Universidade de São Paulo (USP) examinaram diversas crianças no estado do Acre que relatavam contraindicações após a vacinação contra o vírus HPV. O resultado da pesquisa revelou que os sintomas não tinham nenhuma causa biológica ligada à vacina, sendo o medo da agulha o elemento disparador dos sintomas de um possível distúrbio psicogênico (JORNAL DA USP, 2019).

Neste sentido, parece que uma contínua, incisiva, ampla e oportuna campanha esclarecedora, bem como maior aproximação entre as secretarias de saúde e de educação poderiam contribuir para o processo de desconstrução deste tipo de comportamento aversivo.



## Considerações finais

Conhecer as representações sociais nos ajuda a traduzir o modo como se dá a relação dos sujeitos com a realidade. Esta pesquisa, embora seja um estudo de caso e, por conseguinte não ter a pretensão de ser generalizável, fornece uma base exploratória sobre as representações sociais de homens e mulheres acerca da imunização vacinal.

Nesta perspectiva, pode-se identificar que entre as mulheres há um reconhecimento de que as vacinas são importantes porque protegem as crianças. Entretanto, para os homens, mesmo alegando terem conhecimento da importância da imunização vacinal, ainda prevalece o medo objetivado na dor provocada pelas agulhas.

Diante dessas informações, é viável deduzir que a prevenção, a essa fobia, deva começar o quanto antes e, de preferência, durante a primeira infância quando ocorrem as primeiras experiências com agulhas. Para este propósito, acho pertinente pensar o quanto escolas e creches poderiam ser boas aliadas neste processo de desconstrução do medo e maior adesão aos projetos de saúde na escola.

Ademais, importante enfatizar a relevância do atendimento aos pais, preferencialmente por profissionais da saúde mental, para que o ciclo do medo não se perpetue.

## Referências

ABRIC, Jean Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S.P.; OLIVEIRA, D.C (Org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998, p. 27-32.

ABRIC, Jean Claude. **Méthodes d'étude des représentations sociales**. Ramonville Saint-Agne: Érès, 2003. p. 60-61.

ABRIC, Jean Claude. Les représentations sociales: aspects théoriques. In: ABRIC, Jean Claude. (Dir.). **Pratiques sociales et représentations**. 3<sup>a</sup> éd. Paris: PUF, 2008. p. 11-36.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações da identidade docente: uma contribuição para a formulação de políticas. **Ensaio: aval. Pol. Pub. Educ.** Rio de Janeiro, v.15, n.57, p. 579-594, out/dez. 2007.

BROWN, Amy Louise *et al.* Confiança e hesitação de vacinas no Brasil. **Cadernos de saúde pública**, v. 34, n. 9, p. 1-12, 2018. Doi.org/10.1590/0102-311x00011618.

CARDOSO, Anne Caroline Gonçalves *et al.* Acolhimento na sala de vacina: a chave para o êxito da vacinação. **Gep News**, Maceió, v.1, n.1, p. 105-109, jan./mar. 2018.



CARNEIRO, Rute Antonieta Freitas. **Doenças emergentes, respostas rápidas de prevenção**. 2017, 87f. Dissertação de Mestrado. Universidade Fernando Pessoa Faculdade de Ciências da Saúde Departamento de Ciências Farmacêuticas, 2017. Disponível em: <https://bdigital.ufp>. Acessado em: 24 mai. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. **Movimentos Antivacinas**. Londrina, Julho, 2017. Disponível em: <<https://www.clinicadeimunizacoes.com.br/Conselho-Federal-de-Medicina-posiciona-se-contramovimentos-anti-vacinaSaiba-mais>>. Acessado em 06 nov. 2019.

DOMINGUES, Carla Magda Allan; TEIXEIRA, Antônia Maria da Silva; CARVALHO; Sandra Maria Deotti. National Immunization Program: vaccination, compliance and pharmacovigilance. **Rev Inst Med Trop**, v.54, supl. 18, out, 2012. Doi.org/10.1590/S0036-46652012000700009.

ESCOBAR-DÍAZ, Fábio, OSORIO-MERCHÁN, May Bibiana, LAHOZ-RESTREPO, Fernando de. Motivos de no vacunación en menores de cinco años em cuatro ciudades colombianas. **Rev Panam Salud Pública**, v.41, n.1, abril, 2017. Doi.org/10.26633/RPSP.2017.123.

FLAMENT, Claude. L'Analyse de Similitude: une technique pour les recherches sur les représentations sociales. **Cahiers de Psychologie Cognitive**, Marseille, n. 4, p.357-396, 1981.

GOMES, Alexandra; NUNES, Cristina. Representação social do sexo nos jovens adultos portugueses. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol. 28, n. 1, jan-mar, pp. 177-185, 2015. Doi.org/ 10.1590/1678-7153.201528119.

GONZAGA, Luciano Luz.; LANNES, Denise. Processo identitário de gestores educacionais, da periferia do Estado do Rio de Janeiro, revelado pela Teoria das Representações Sociais. **Educação, Cultura e Sociedade**, v. 6, p. 454-469, 2016.

JODELET, Denise. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, Denise (Ed.), **Les représentations sociales**. Paris, PUF, pp. 47-78, 1989.

JODELET, Denise . Las representaciones sociales del medio ambiente. In L. Iniguez, E. Pol (Eds.), **Cognicion, representacion y apropiacion del espacio**. Monografias Psico-socio-ambientales. Barcelone, Publicaciones de la Universitat de Barcelona, pp. 29-44, 1996.

JORNAL DA USP. **Acre vive surto de doença causada por medo de vacinação**, 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-da-saude>. Acessado em: 24 nov. 2019.

LEVI. Guido. **Recusa de vacinas: causas e consequências**. São Paulo: Segmento Farma, 2013.

MALAGUTTI, William. **Imunização, imunologia e vacinas**. Rio de Janeiro: Editora Rubio Ltda, 2011.

MERTEN, Thomas. The Word Association Test in psychology and psychiatry: history, method and results. **Psychological Analysis**, v. 4, n 10, p. 531-541, 1992.



MOREIRA, Jaime Alonso Caravaca; PADILHA, Maria Itayra; SILVA, Denise Guerreiro Vieira da; SAPAG, Jaime. Aspectos teóricos e metodológicos das representações sociais. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 24, n. 4, p. 1157-1165, dez. 2015. Doi. org/10.1590/0104-0707201500003440014.

MOSCOVICI, Serge. **Psicologia social: influencia y câmbios de actitudes, individuos y grupos**. Barcelona (ES): Paidós; 2005.

MOSCOVICI, Serge. **A Representação Social da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes. 2003.

MÜLLER, Ray Luiza Soares Salgado. **Promover a saúde ou promover o consenso: possibilidades da promoção da saúde no Brasil**. 2012, 105 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional em Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br>. Acessado em: 30 nov. 2020.

PECORA, Ana Rafaela. Análise de Similitude. 74 slides. **Mini curso ministrado na Jornada Internacional; VII Conferência Brasileira sobre Representações Sociais**, Vitória, ES, 2011.

SHIMIZU, Natiely Rallo. Movimento antivacina: a memória funcionando no/pelo (per)curso dos sentidos e dos sujeitos na sociedade e urbana. **Revista do Edicc**, v. 5, n. 1, 2018.

RAIOL, Josivan João Monteiro. Pesquisa em representações sociais de programas de pós-graduação da UFPA, UEPA E UFAM. In: OLIVEIRA, I. A. de; SOUZA, S. F. de (Org.). **Diferentes olhares epistemológicos sobre a educação**. Belém: CCSE-UEPA, 2017.

REIS, Rafael Pons. **A securitização das doenças infecciosas emergentes: o caso da pandemia da Influenza A (H1N1) 2009 no Brasil**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Florianópolis, 2017.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc>. Acessado em: 24 nov. 2019.

RIBEIRO, Vitória Helena; VASQUES, Karla; JACINTO, Dayane Moraes. Biotecnologia na área da saúde: vacinas gênicas. **Revista UNILUS Ensino e Pesquisa**, v. 12, n. 27, abr./jun. 2015.

SATO, Ana Paula Sayuri. Qual a importância da hesitação vacinal na queda das coberturas vacinais no Brasil?. **Rev Saude Publica**, v. 52, n.96, nov, 2018. DOI: 10.11606/S1518-8787.2018052001199.

SEVCENKO. Nicolau. **A revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes**. São Paulo: Scipione, 1993.



SILVA, Ana Beatriz. dos Santos; ARAÚJO, Ana Catarina de Melo; SANTOS, Michelle Caroline da Silva; ANDRADE, Maria Sandra; MENDONÇA, Rafael Mota Indicadores de cobertura vacinal para classificação de risco de doenças imunopreveníveis. **Rev Bras Promoç Saúde**, v.32, n.1, 2019. Doi.org/10.5020/18061230.2019.9285.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE IMUNIZAÇÃO (SBI). **As Fake News estão nos deixando doentes?** 2019. Disponível em: <https://sbim.org.br/acoes/as-fake-news-estao-nos-deixando-doentes>. Acessado em: 30 nov. 2019.

TADDIO, Anna *et al.* Survey of the prevalence of immunization non-compliance due to needle fears in children and adults. **Vaccine**. v.30, n. 32, 2012. Doi: 10.1016 / j.vaccine.2012.05.011

VASCONCELLOS-SILVA, Paulo Roberto; CASTIEL, Luis David; GRIEP, Rosane Harter A sociedade de risco midiaticizada, o movimento antivacinação e o risco do autismo. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 20, n.2, fev, 2015. Doi.org/10.1590/1413-81232015202.10172014.

VÈRGÈS, Pierre. **Conjunto de programas que permitem a análise de evocações: EVOC: manual**. Versão 5. Aix en Provence: [S. n.} 2002.

VÈRGES, Pierre; SCANO, Stéphane.; JUNIQUE, Christian. **Ensembles de programmes permettant L' analyses des evocations**. Aix en Provence. Université de Provence. Programa Evocation 2000. Disponível em: [http// www. Pucsr.br/pos/ped/rsee](http://www.Pucsr.br/pos/ped/rsee). Acessado em: 01 set. 2009.

WACHELKE, João; CAMARGO, Brígido Vizeu. Representações sociais, representações individuais e comportamento. **Revista Interamericana de Psicologia**, Porto Alegre, v.41, n. 3, p. 379-390, 2007.

Recebido em: 01/07/2021

Aceito em: 01/11/2021